

Cidadão Kane:
a saga do milionário desditado e os paradoxos da riqueza burguesa¹

Mauro Castelo Branco de Moura

Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Bahia e autor, entre outras obras, de *Os Mercadores, o Templo e a Filosofia: Marx e a Religiosidade*, Coleção "Filosofia" nº 181, Porto Alegre, Editora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Edipucrs), 2004.
mcbmoura@ufba.br

A obra-prima de Orson Welles [1915-1985], *Citizen Kane*, é sempre incluída em qualquer rol respeitável dos melhores filmes de toda a história da sétima arte. Nela o autor, roteirista (ao lado de Herman Mankievics [1897-1953]) e ator (no papel do personagem protagonista, o próprio Charles Foster Kane), inspira-se na vida do magnata da imprensa William Randolph Hearst [1863-1951], fundador da *Hearst Corporation*, o qual, reconhecendo-se retratado no enredo e vestindo plenamente a carapuça, pretendeu evitar, por todos os meios a seu alcance, que o filme estreasse. Lançada em 1941, quando Welles contava com apenas 25 anos, esta magnífica obra cinematográfica nasceu, portanto, marcada pela polêmica, aliás, um dos traços distintivos do cineasta, que antes já se havia notabilizado pela transmissão radiofônica de uma dramática invasão da Terra por supostos marcianos... Causando enorme celeuma! Porém, nem a influência e o poder de Hearst conseguiram

¹ Agradeço a meu colega e amigo, o Dr. José Crisóstomo de Souza, ter preservado de minha sanha de *traduttori traditori*, com benevolente paciência, o decoro das relações entre as línguas de Camões e de Shakespeare...

arrefecer a imensa repercussão do filme, seu estrondoso êxito de bilheteria e nem que o mesmo recebesse oito indicações para o Oscar, ganhando, precisamente, o de melhor roteiro.

Pelo contrário, a ira de Hearst e seu empenho em impedir a divulgação da obra parece que surtiram, como costuma acontecer nesses casos, o efeito contrário, despertando um interesse ainda maior da opinião pública. De forma análoga ao modo como mais recentemente procedeu Michael Moore, seguindo-lhe as pegadas, em *Bowling for Colombine* e, sobretudo, *Fahrenheit 9/11* (em alusão aos atentados de 11 de setembro de 2001), Welles serviu-se do escândalo provocado pela reação de Hearst para promover a divulgação de seu trabalho, atacando-o com o próprio veneno. A genialidade do autor transparece também neste expediente de servir-se de uma figura notória, um grande e poderoso magnata da imprensa, para construir seu personagem.

William Hearst, herdeiro da fortuna que seu pai, George Hearst, havia erigido a partir da mineração e de outras atividades, ingressou fortuitamente, aos 23 anos, no mundo da imprensa, quando o genitor, após receber o *San Francisco Examiner* pelo pagamento de uma dívida, transfere-lhe, em 1887, o controle do pequeno jornal. Vislumbrando, a partir desta experiência, o poder e os benefícios que o exercício da atividade jornalística lhe poderia granjear, sobretudo para um empreendedor nada escrupuloso, em seguida adquire o *New York Morning Journal* [1895] e lança o *Evening Journal* [1896], iniciando um império jornalístico que incluiu o *Chicago Examiner*, *Boston American*, *Cosmopolitan* e *Harper's Bazaar*. William Hearst notabilizou-se também por contratar jornalistas de grande renome, incluindo os célebres escritores Mark Twain [1835-1910] e Jack London [1876-1916], mas teve seu nome associado, principalmente, à inauguração do estilo sensacionalista

de fazer jornalismo, sendo por muitos considerado o verdadeiro pai da “imprensa marrom”, chamada *yellow press* em sua denominação original.

Com efeito, a desfaçatez em moldar os fatos às próprias conveniências, que marcam este “estilo” jornalístico, grandiloquente e bombástico, encontrou em William Hearst um destacado “prócer”. Sua campanha para a declaração de guerra contra a Espanha foi paradigmática neste sentido e fez escola². Por meio de seus jornais, em conluio com Theodor Roosevelt e sem se preocupar com o esclarecimento das causas da explosão do couraçado Maine no porto de Havana, serviu-se do evento para desencadear uma violenta campanha pela declaração de guerra, que culminou com a derrota espanhola e a transformação do Caribe num *mare nostrum* da águia americana³. Tendo este e outros episódios em mente, sobre ele Ernest L. Meyer proferiu o seguinte julgamento: “O senhor Hearst, em sua longa e nada edificante carreira incitou os americanos contra os espanhóis, contra os japoneses, contra os filipinos, contra os russos, e, na promoção de sua campanha incendiária, publicou crassas mentiras, forjou documentos, inventou histórias de

² Se atentarmos para o despudorado cinismo com que se esgrimiu a ameaça das armas de destruição em massa, jamais encontradas, para justificar a mais recente invasão do Iraque por Bush II, com o apoio militante dos meios de comunicação estadunidenses, teremos uma mostra de como está pujante o legado de Hearst e veremos, parafraseando Marx, não apenas a farsa repetida, mas exponencialmente incrementada...

³ Ademais das Filipinas, nos confins do Pacífico, suas garras estenderam-se sobre Cuba, convertida em protetorado, cuja reminiscência é a base militar de Guantánamo, e Porto Rico, colônia norte-americana, mantida atualmente sob o disfarce de estado livre associado.

atrocidades, editoriais inflamados, charges e fotografias sensacionalistas e outros artifícios com os quais sustentou seus fins chauvinistas"⁴.

Kane, no entanto, transcende, em muito, à figura de Hearst, ultrapassando sobejamente quaisquer limites conjunturais. O espectador atual, sem nada saber acerca da fonte de inspiração original, também poderá deleitar-se sem peias com o filme, pois a trama assume, como em toda a verdadeira obra de arte, digna deste nome, uma dimensão inquestionavelmente universal. Decerto que há um pouco de Assis Chateaubriant ou de Roberto Marinho, por exemplo, na construção do personagem. Porém, sua universalidade não se restringe ao fato de representar de forma paradigmática atores sociais encontrados em outros contextos culturais. Não é apenas, tampouco, a encarnação *sans phrase* do vitorioso, do *self made man*, tão encomiado pela sociedade burguesa, ainda que, no caso, virado ao avesso.

A saga do milionário desditado, mesmo descontando-se todas as inovações cinematográficas introduzidas pelo filme e que não serão comentadas aqui, tem muito mais do que isso, pois reverbera a tensão insolúvel de um personagem verdadeiramente fáustico, como o da lenda inspiradora de Goethe. Kane também parece enfeitiçado por uma ambição desmedida, que se desdobra, de um lado, na miragem todo-poderosa da infinitude proporcionada pelo enorme acúmulo de riqueza abstrata e com o poder social que ela traz, sem, contudo, medir esforços para amealhá-la. Porém, constringido, de outro, pela mezinha finitude daqueles que, como todos nós, nascemos, crescemos e morremos, sem que o poder e a riqueza possam alterar esta condição. Em ara de um poder caprichoso e ilimitado

⁴ Meyer, Ernest, *apud*, Seldes, George, **Lords of the Press**, in <http://www.brasscheck.com/seldes/lords17.html>

o personagem aliena sua humanidade, quedando, em sua trágica desdita, pateticamente, sem nada... Desaparece, imerso à inexorável e fatídica finitude que espreita a todos os humanos, recordando os últimos laivos de uma humanidade perdida ainda na infância.

Assemelha-se, desde logo, a uma reedição atualizada da mais antiga de todas as epopéias, a do incomparável Gilgamesh, o paradigmático herói mesopotâmico, precursor de todos os heróis... O grande rei de Uruk, “para quem todas as coisas eram conhecidas”, de “corpo perfeito”, “dois terços deus e um terço homem”⁵, o que não foi suficiente para livrá-lo da sina comum a todos os mortais, ao enamorar-se da força selvagem representada por Enkidu, que é seduzido, como o Adão bíblico (ou como Sansão), pela luxúria civilizadora de uma mulher e dominado por este conhecimento⁶, não pôde salvá-lo e nem a si próprio, a despeito de todos esses predicados, da inexorabilidade da morte. Siduri, no entanto, divindade representativa da sabedoria, da cerveja e do vinho (*in vino veritas!*), trata de adverti-lo acerca da inexorabilidade de sua sina, aconselhando-o: “Quando os deuses criaram o homem, eles lhe destinaram a morte, mas a vida eles mantiveram em seu próprio poder. Quanto a ti,

⁵ **A Epopéia de Gilgamesh** [baseada na versão inglesa estabelecida por N.K. Sandars], trad. Oliveira, Carlos, São Paulo, Martins fontes, 1992, p.91.

⁶ “Ela não teve pudores em tomá-lo em seus braços, ela se despiu e acolheu de bom grado o corpo ávido de Enkidu. Ele se deitou sobre ela murmurando palavras de amor, e ela lhe ensinou as artes da mulher. Por seis dias e sete noites eles ficaram deitados, pois Enkidu se esquecera de seu lar nas colinas; depois de satisfeito, porém, ele voltou para os animais selvagens. Mas agora, ao vê-lo, as gazelas punham-se em disparada; as criaturas agrestes fugiam, quando delas se aproximava. Enkidu queria segui-las, mas seu corpo parecia estar preso por uma corda, seus joelhos fraquejavam, quando tentava correr, ele perdera sua rapidez e agilidade. E todas as criaturas da selva fugiram; Enkidu perdera sua força, pois agora tinha o conhecimento dentro de si, e os pensamentos do homem ocupavam seu coração” (Ibidem, pp. 96-97)

Gilgamesh, enche tua barriga de iguarias; dia e noite, noite e dia, dança e sê feliz, aproveita e deleita-te. Veste sempre roupas novas, banha-te em água, trata com carinho a criança que te tomar as mãos e faze tua mulher feliz com teu abraço, pois isto é o destino do homem”⁷.

Os sábios conselhos de Siduri também valeriam para Kane, pois a saga do milionário desditado representa, entre outras coisas, a sina trágica de um “herói” contemporâneo incapaz de compreender o paradoxo da riqueza abstrata. Enquanto Gilgamesh rebelava-se inutilmente contra a mortalidade sem se aperceber que ela é inerente à própria condição humana, Kane, ao confundir riqueza concreta e abstrata (valor de uso e valor), baralha os limites da humanidade e, tendo ao seu alcance tudo o que alguém possa desejar, morre absolutamente solitário, em meio a uma riqueza imensa, porém despojado da própria humanidade... Kane deixa-se enfeitiçar pelo poder e pelo dinheiro, constrói Xanadu, um castelo inigualável para onde faz convergir obras de arte de todos os rincões do mundo, além de toda a sorte de excentricidades que coleciona e não obstante ao recanto extraordinário falta-lhe o principal: alma! Sua imensa coleção de pinturas e esculturas não se destina ao desfrute, a emocionar os corações daqueles que porventura as contemplassem, mas permanece na embalagem de transporte, escondida dos olhos e dos sentimentos dos apreciadores. Convertera-se em suas mãos num amontoado de objetos valiosos, sem qualquer traço distintivo entre eles, que não fosse o valor. Foram reduzidos a uma mera expressão da riqueza abstrata, perdendo cada uma delas sua individualidade artística de obras capazes de inspirar emoções humanas. Ao reduzi-las a meros objetos valiosos, Kane, paradoxalmente, retira-lhes o próprio fundamento daquilo que as distinguiu e

⁷ Ibidem, p. 141.

converteu em algo apreciável. Barras de ouro, cédulas de moeda conversível ou uma polpuda conta bancária em instituição sólida não fariam melhor figura...

Kane trata de converter à mulher em diva da ópera, independentemente dela não ter os predicados necessários para tal. Graças a seu imenso poder, pela fortuna e pelo controle da mídia, consegue notabilizá-la, porém é incapaz de dotá-la do talento que não tem. O personagem num e noutro caso confunde os planos, baralha o mundo extra-sensorial e infinito da riqueza abstrata, onde tudo se reduz apenas à nota qualitativa do valor, com o mundo multifacetado da sensibilidade (dos sentidos) e da finitude, que é o mundo onde todos nós mortais nascemos, crescemos, amamos, odiamos e morremos. O desditado milionário não pode compartilhar, enquanto homem de carne e osso e, portanto, instaurado no plano efêmero da finitude, os predicados de sua fortuna, instaurados, como ela, no plano da desmedida e tendente à infinitude. Sem se aperceber reduz a riqueza multifacetada de sua efêmera vida à monótona mesmice da riqueza abstrata, porém seu inexorável destino, como o de todos nós, já estava de antemão traçado. Aqui valeria recordar a proclamação de Utnapshtim, o sábio Noé mesopotâmico que, em sua exortação a Gilgamesh, o adverte: “Desde os dias antigos, não existe permanência. Como são parecidos os adormecidos e os mortos, eles são como um retrato da morte. O que existe entre o servo e o senhor depois de ambos terem cumprido seu destino?”⁸. O patético Kane morre na mais completa solidão, em meio à sua imensa riqueza, rememorando o pequeno trenó, símbolo de sua própria humanidade perdida ainda na infância...

⁸ Ibidem, p. 147